

# Aula 18

## ESCOLA E SOCIEDADE II

### **META**

Apresentar um perfil da Educação Básica no Brasil e alguns dos seus desafios.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
apresentar algumas estatísticas escolares e controvérsias sobre o aprimoramento da Educação Básica.

### **PRÉ-REQUISITO**

Compreensão das aulas anteriores e leituras de apoio.

**José Rodorval Ramalho**

## INTRODUÇÃO

Vimos, anteriormente, que o Brasil é um país que tem como uma de suas principais características a convivência entre o tradicional e o moderno. O nosso universo escolar pode ilustrar bem esse traço híbrido da sociedade brasileira.

Ao longo do século XX, a sociedade brasileira se escolarizou e, atualmente, os números demonstram que conseguimos avanços significativos no sentido da universalização do sistema educacional até o ensino médio, embora ainda haja muito a ser conquistado.

Taxa de Atendimento Escolar no Brasil – 1980/2003		
Nível de Ensino	1980	2003
Pré-Escola	15,2	68,4
Fundamental	67,2	97,2
Médio	48,6	82,3

Fonte: Atlas Racial Brasileiro (2004) – Citado por Brym et alli

Entretanto, esses números não dizem tudo. Primeiramente, a universalização precisa ser concluída. Em segundo lugar, qual tem sido a qualidade desse ensino e, conseqüentemente, até que ponto ele tem possibilitado ao alunado a concretização daqueles princípios de formação técnica e geral?



(Fonte: <http://portal.mec.gov.br>).

## EDUCAÇÃO

Os números da educação básica no Brasil são superlativos. Em 2006, havia quase 56 milhões de matrículas em todas as modalidades desse tipo de ensino. No entanto, a ineficácia do sistema escolar brasileiro é um dos poucos consensos construídos pelos estudiosos do setor. Existe uma unanimidade em afirmar que a escola brasileira vai mal e isto pode ser visto não

somente através das avaliações locais, mas também quando a comparamos com as escolas do mundo desenvolvido ou em desenvolvimento.

## ESCOLA BRASILEIRA: DESAFIOS

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, que é um dos indicadores da qualidade do ensino fundamental e médio, apresentou no ano de 2005 uma nota 3,8 para o ensino básico e a nota 3,4 para o ensino médio. Se lembrarmos que o mínimo desejável, de acordo com critérios internacionais, é a nota 6,0, dá pra entender o tamanho dos desafios que o país tem pela frente.

Em termos comparativos, a situação dos alunos brasileiros na faixa dos 15 anos está entre as piores nos países avaliados pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Esta organização promove, a cada três anos, o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), que inclui testes denominados letramento em leitura, matemática e ciências. Entre os 57 países que se submeteram à avaliação em 2006, o Brasil ficou em 52°. Isto significa que os alunos brasileiros só se saíram melhor do que os alunos da Colômbia, Tunísia, Azerbadjão, Catar e Quirguistão.

Os resultados da avaliação do PISA podem ser encarados como um dos sintomas da precariedade do sistema escolar brasileiro. Descreveremos, a seguir, algumas questões apontadas pelos estudiosos do tema como variáveis importantes no desafio nacional de oferecer uma boa formação básica.

1. Formação dos professores – entre os pesquisadores e formuladores de políticas educacionais existe uma forte convicção de que uma boa formação docente é uma variável essencial para o sucesso do ensino. Nesse sentido, dados recentes do Censo Escolar, mostrando a inexistência de diplomas universitários entre 47% dos professores responsáveis pelas salas de aula até a 4ª. série, apontam para uma grave limitação no esforço de alfabetizar o público infantil;
2. Dissenso entre os alfabetizadores – o nosso sistema escolar ainda não possui uma estratégia unificada no que se refere ao método de alfabetização a ser utilizado. Grosso modo, podemos identificar uma ampla discussão entre os defensores do que poderíamos chamar de método de leitura global (aquele em que o aluno aprende a ler frases inteiras) e aqueles que defendem o método fônico (aquele que ensina, primeiramente, os sons e as letras). Este dissenso, além de desconsiderar a tendência mundial pela utilização do método fônico, nos sugere uma falta de convicção naquilo que seria básico numa política de alfabetização;
3. Indisciplina na Escola – levantamentos oficiais mostram que parte significativa dos diretores e professores aponta a indisciplina dos estudantes como uma das principais razões da ineficiência dos processos de ensino. O esforço pela permanência do aluno na escola e a liberalidade de algumas concepções pedagógicas, no que se refere à relação professor-aluno, podem

estar criando um cenário em que a certeza da impunidade e a impossibilidade da reprovação funcionam como fatores de acomodação no processo de aprendizagem;

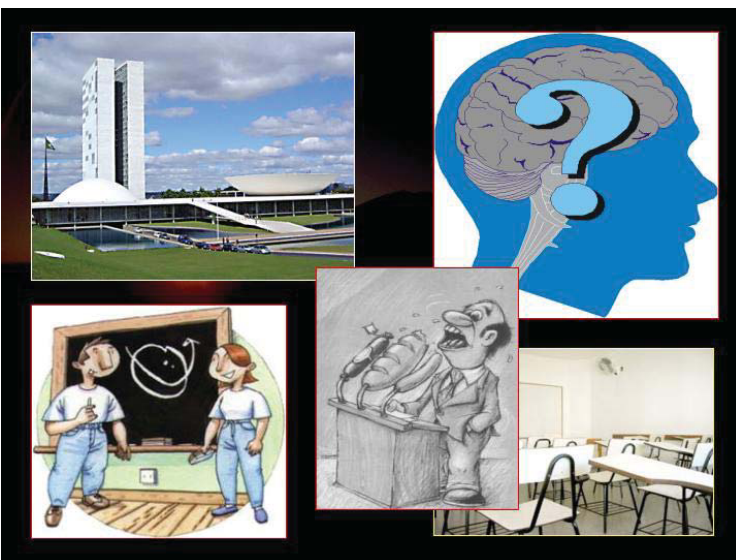
4. Déficit de professores especializados – o ensino de física, química, biologia e matemática tem sido desenvolvido a partir de uma mão-de-obra com baixo percentual de especialização na área. Alguns dados demonstram que apenas 9% dos professores de física que atuam na rede pública têm o diploma universitário da área em que ensina. No caso de química, dos 55 mil licenciados necessários para as escolas na década de 90, o sistema universitário formou apenas 13 mil, ou seja, um pouco mais de 20% do necessário. Como o número de alunos no ensino médio vem aumentando e a desistência nos cursos de licenciatura em física e química também, a tendência é que a situação se agrave;

5. Corporativismo sindical – a ação sindical dos professores ou, pelo menos, dos sindicatos da categoria, tem sido limitada quando se refere a buscas estratégicas mais eficientes na área do ensino. Centrados nas condições de trabalho, o sindicalismo acabou produzindo um discurso que abstrai o comportamento dos professores na escola e acaba por reduzir os problemas educacionais à dimensão material, como a infra-estrutura e os salários. As dificuldades com os processos de avaliação dos professores, o populismo das campanhas por eleições diretas nas escolas e a construção de uma imagem do professor como um “missionário sacrificado”, ilustram que parte significativa do sindicalismo está distante de ser um fator propulsor de um ensino de qualidade.

Embora as questões evidenciadas neste texto tenham como referência principal a escola pública, alguns pesquisadores identificam as nossas escolas particulares como, apenas, um pouco melhores. Mais uma vez a avaliação do PISA serve como parâmetro. Apesar do rendimento dos alunos das escolas particulares ser um pouco acima daqueles oriundos da escola pública, eles

estão muito aquém dos alunos de outros países, mesmo aqueles que estudam em escolas do Estado.

Poderíamos nos alongar na apresentação de algumas outras questões sobre o ensino básico no Brasil, mas acreditamos que as indicações acima são suficientes para dimensionar os desafios que se apresentam para todos aqueles envolvidos com a educação básica no país.



(Fonte: <http://brasil.indymedia.org>).



## ATIVIDADES

1. Mesmo considerando que os números apresentados neste texto são médias estatísticas, descreva sua experiência pessoal com a escola.
2. Você sabe alguma coisa sobre a escola dos seus ascendentes?
3. Observando a sua realidade, quais as diferenças entre as escolas públicas e as privadas?
4. A comunidade da própria escola pode resolver os seus problemas ou depende dos governos?
5. Se você pudesse mudar a realidade das escolas por onde você começaria?

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Verifique a sua escola ao longo do tempo em que você permaneceu nela;
2. Converse com seus avós, pais, tios sobre como era a escola deles;
3. Procure observar a estrutura física, professores, gestão etc.;
4. Reflita sobre o alcance e os limites daqueles que participam da escola;
5. Utilize as questões do texto como apoio para esta reflexão.

## CONCLUSÃO

Não há notícias de países que desenvolveram graus elevados de prosperidade material e liberdade individual que não houvessem investido culturalmente (e não somente do ponto de vista material) na educação básica de sua população. A vida em uma sociedade onde a informação tem lugar privilegiado não pode prescindir de escolas bem estruturadas e que cumpram com eficiência o seu papel, que é preparar o cidadão para dominar, suficientemente, os códigos relacionados ao novo mundo do trabalho, ao espaço público democrático, ao universo das letras e artes e demais dimensões que possibilitem a afirmação de um dos ideais mais elevados do projeto moderno, a autonomia individual.



## RESUMO

A sociedade brasileira conseguiu avanços significativos no sentido da universalização do sistema educacional até o ensino médio. Em 2006, por exemplo, havia quase 56 milhões de matrículas em todas as modalidades desse tipo de ensino. Entretanto, a ineficácia do sistema escolar brasileiro é um dos poucos consensos construídos pelos estudiosos do setor. Entre as questões identificadas para explicar esse estado de coisas estão: a formação deficiente dos professores; as dificuldades com as estratégias de alfabetização; a indisciplina no ambiente escolar; o corporativismo sindical. O enfrentamento do desafio de melhorar a escola brasileira depende não somente dos profissionais envolvidos com ela, mas também da participação de amplos setores da sociedade.

### PROFESSOR NÃO É COITADO

*Gustavo Ioschpe*

(Trechos de artigo publicado na Revista Veja em 07/12/2007)

Segundo o Perfil dos Professores Brasileiros, ampla pesquisa realizada pela Unesco, 58,5% têm apenas um local de trabalho. Os que fazem dupla jornada são pouco menos de um terço: 32,2%. Só 9%, portanto, trabalham em três escolas ou mais. Sua carga horária também não é das mais massacrantes: 31% trabalham entre uma e vinte horas em sala de aula por semana, 54% ficam entre 21 e quarenta horas e o restante trabalha mais de quarenta horas. Os professores costumam argumentar que seu trabalho se estende para fora da sala de aula, com correção de tarefas, preparação de aulas etc. Nisso, não são diferentes de todos os outros profissionais liberais – qual o médico que não estuda fora do consultório ou o advogado que não pesquisa a legislação nos horários fora do escritório?

O que os representantes da categoria não costumam mencionar são as vantagens da profissão: as férias longas, a estabilidade no emprego e o regime especial de aposentadoria (80% são funcionários públicos) e, sobretudo, a regulamentação frouxa. No estado de São Paulo, 13% dos professores da rede estadual faltam a cada dia, contra 1% daqueles da rede privada.

Tampouco procede a idéia de que as escolas não tenham as condições mínimas de infra-estrutura para a realização de aulas. As histórias de escolas de lona ou de lata rendem muito noticiário justamente por serem a exceção, a aberração. Mais de 90% de nossas escolas de ensino fundamental têm banheiro, água encanada e esgoto, e 87% contam com eletricidade. Quase um terço tem quadra esportiva, e 42% dispõem de computadores. Certamente há muito que melhorar, mas é igualmente certo que o nosso professorado não trabalha em condições infra-estruturais sofríveis.

Finalmente, a questão crucial: o salário. Há uma idéia encravada na mente do brasileiro de que professor ganha pouco, uma mixaria. É verdade que o professor brasileiro tem um salário absoluto baixo – o que se explica pelo fato de ele ser brasileiro, não professor. Somos um país pobre, com uma massa salarial baixa. (...) Enquanto aqui ele ganha o equivalente a 1,5 vez a renda média do país, a média dos países da OCDE (que têm a melhor educação do planeta) é de 1,3. Na América do Sul, os países com qualidade de ensino melhor que a brasileira têm professores que recebem menos: 0,85 na Argentina, 0,75 no Uruguai e 1,25 no Chile

Apesar de todos esses dados estarem amplamente disponíveis, perdura a visão de que o professor é um coitado e/ou um herói, fazendo esforços hercúleos para carregar o pobre aluno ladeira acima. Longe de ser uma questão apenas semântica ou psicológica, essa caracterização do professor é extremamente daninha para o progresso do nosso ensino, porque ela emperra toda e qualquer agenda de mudança. A literatura empírica aponta que há muito que professores, diretores e gestores públicos podem fazer para obter melhorias substanciais no aprendizado de nossos alunos, mas é quase impossível ter qualquer discussão produtiva nesse sentido no Brasil, pois, antes de mais nada, seria necessário “recuperar a dignidade do magistério”, “dar condições mínimas de trabalho aos professores” etc. A mitificação do nosso professor impede que o vejamos como ele é: um profissional, adulto, consciente de suas decisões e potencialidades, inserido em uma categoria profissional que, como todas as outras, abriga muita gente competente, muita gente incompetente e muitos outros medíocres e que, portanto, deve receber não apenas encorajamento e defesa condescendentes, mas também cobranças e críticas construtivas e avaliações objetivas de seus méritos e falhas. Só assim melhoraremos o desempenho das nossas escolas e daremos um futuro ao país.

## REFERÊNCIAS

BRYM, Robert et al. **Sociologia – sua bússola para o futuro**. Vários tradutores. São Paulo: Thompson, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SCHWARTZMAN, Simon; Brock, Colin. **Os desafios da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.